



Diretor- Redator-Chefe: Sebastião A. B. de Carvalho (ABI)

Vice-Diretora: Rosa Maria Werneck Rossi de Carvalho

DIVULGANDO A LITERATURA E AS ARTES PLÁSTICAS

ANO: 03

NOVA FRIBURGO RJ, 2 de setembro de 2016

Nº 22

“O Mundo precisa de Filosofia”
- foi o que demonstrou o Padre Luiz Cláudio em palestra na Academia friburguense de Letras dia 24/8/16.

Profundo conhecedor de Filosofia, o palestrante traçou uma linha evolutiva do conhecimento, desde os pré-socráticos, condenando mitos e extremismos e mostrando a pluralidade cultural de Nova Friburgo.



Padre Luiz Cláudio Azevedo de Mendonça, acadêmico da AFL dirige-se à seleta audiência para falar sobre Filosofia... Excelente palestra!

Incompreendida pela maioria, a disciplina Filosofia já sofreu muita discriminação, o que ocorre especialmente quando governos ditatoriais se estabelecem, cerceando a liberdade, no afã de impedir que o povo se esclareça e assim seja capaz de reagir contra a opressão...

Nosso palestrante foi muito feliz na tentativa de mostrar a importância da Filosofia para uma compreensão correta do processo político, livre de preconceitos e fanatismos que impedem uma postura isenta diante dos acontecimentos. cerceando a liberdade no afã de impedir que o povo se esclareça.

Luiz Cláudio acentuou a capacidade da Filosofia de proporcionar aos que a utilizam, posturas de protagonismo e independência na análise da realidade. Nada de aceitar passivamente opiniões alheias ou colocações divulgadas pelos meios de comunicação de massa. A Filosofia seria o grande

filtro que impediria o preponderar das falsas concepções e análises viciadas.

Assim foi a palestra do Padre Luiz Cláudio: um apelo à racionalidade e independência de pensamento. Parabéns a ele e à AFL.



FOTOS - 1= Padre Luiz Cláudio; 2= Acadêmica Tereza Malcher, que apresentou o palestrante, ao lado do Acadêmico Ordilei Alves da Costa; 3= Presidente Robério Canto, ao lado do Acadêmico Paulo Jordão Bastos; 4= Mesa diretora dos trabalhos.(Fotos CEPEC, 2016)

A Verdade sobre Mão de Luva - Palestra de Sebastião A.B.de Carvalho, autor de A ODISSEIA DE MÃO DE LUVA Dia 23 de setembro às 19h, na Academia Friburguense de Letras.



Mensagem do Diretor do Jornal Cultural



Jornalista Sebastião A.B. de Carvalho

A Filosofia estudada pelos Padres Jesuitas no Colégio Anchieta

Na primeira página desta edição estampamos uma reportagem sobre a palestra do Padre Luiz Cláudio sobre Filosofia, ressaltando sua utilidade na orientação política do cidadão. Isso me fez imediatamente lembrar da década de 1960, quando, aluno da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, dirigida pelos jesuitas no Colégio Anchieta, fui introduzido a esses estudos avançados.

Durante o Curso de Ciências Sociais, ministrado pelos padres, estudei filosofia, como parte do currículo, com a vantagem de poder assistir a defesas de teses



Vista do Colégio Anchieta, onde os Padres Jesuitas mantiveram, até 1965, a Faculdade de Filosofia N.S. Medianeira

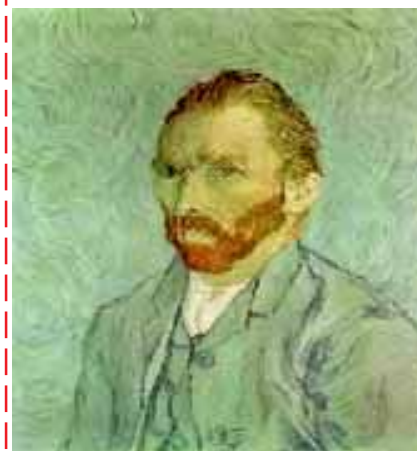
que os estudantes, candidatos a padres, realizavam com extrema dedicação e empenho. A uma dessas sessões eu compareci e, como eram em Latim, recorri aos préstimos do filósofo Hilário Govoni, que me deu as traduções de alguns conceitos...

Meu colega no Curso de Ciências Sociais, o Govoni ajudou-me a entender o que se passava na defesa de tese filosófica. Valorizo tanto isso que até hoje guardo um recorte do documento então produzido com os conceitos em Latim e sua tradução.

As aulas de sociologia eram interessantes e produtivas. O padre permitia e até incentivava a contestação dos conceitos apresentados em textos católicos, onde naturalmente predominavam a patrística, a filosofia aristotélica-tomista adotada pela Igreja Católica. e a doutrina social da Igreja.

Cheguei a criar o Grupo do Rousseau, que, animado por um pequeno grupo de estudantes, colocava a contestação do famoso pensador francês em oposição às posições tradicionais. O resultado era bom para todos, especialmente para os alunos que assim aprendiam de verdade!

Vincent van Gogh, mestre na pintura e na filosofia...



Estamos assumindo o extraordinário artista plástico VINCENT VAN GOGH como patrono de nossos trabalhos no âmbito das letras e das artes, tendo em vista não só a sua notável obra material, mas também o legado de suas considerações expressas em várias oportunidades. mostrando tratar-se de um Ser de alta envergadura espiritual.

Um quadro de van Gogh

Vincent van Gogh - óleo s/ tela. Vaso com margaridas e papoulas



Vincent Van Gogh AllPosters

Sobre "Vaso com margaridas e papoulas"

Extraído do site Van Gogh's Gallery.com. Tradução: SABC

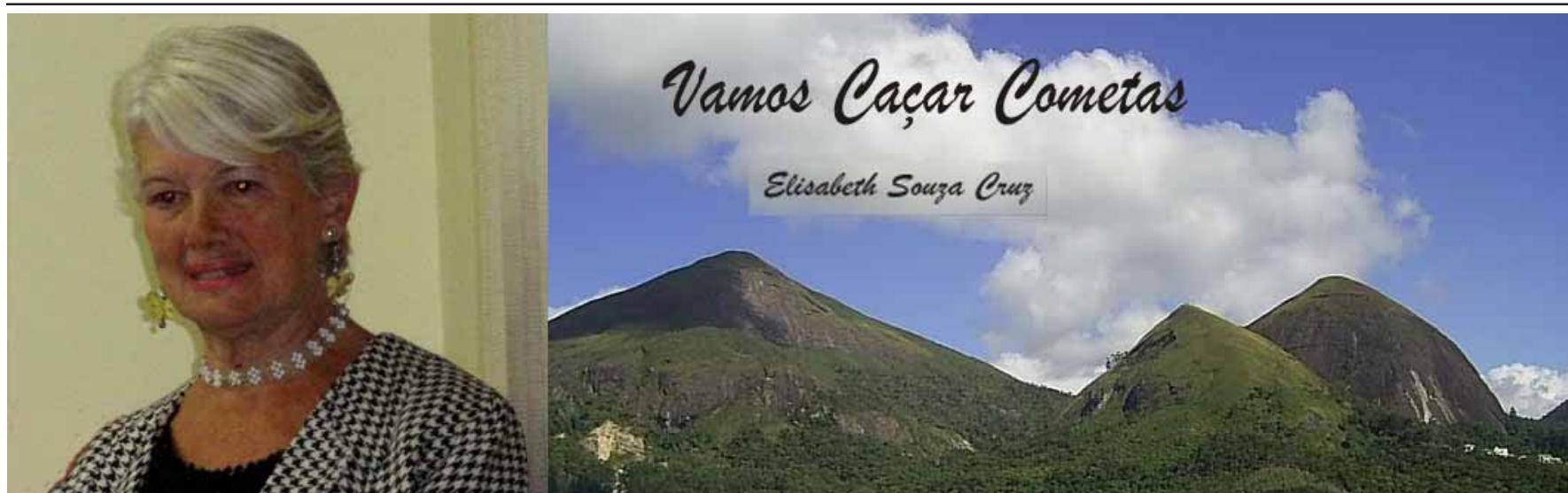
O brilhante trabalho artístico do Mestre holandês post-Impressionista Vincent Van Gogh (1853 – 1890) poderosamente impactou incontáveis movimentos artísticos. Produzindo todos os seus trabalhos em uma década, seu total em um ano, foi de 150 pinturas e desenhos. Van Gogh pintou outdoors com especial talento para capturar as sutilezas da luz noturna e a sombra. Ele sofreu durante toda a vida problemas de doença mental, contudo criou muitas de suas obras primas quando internado. Vendendo somente um quadro durante sua vida, Van Gogh contudo mantém-se como um dos mais influentes artistas do último século.

Uma tela de RM Carvalho

RM Carvalho - óleo sobre tela. [Amor perfeito em cores](#)



RMRC70 - Amor perfeito em Cores. [VER Pág. 6](#)



Atletas sem Medalhas

Cheguei a casa e apressadamente liguei o computador para dar início a um trabalho. A porta do jardim interno estava aberta, o frio se apossava do ambiente e logo fiz menção de fechá-la, mas, mesmo ante a pressa, olhei aquele cantinho tão aconchegante da casa e pensei: “Faz tempo que não venho aqui para um lazer ou mesmo para uma Sessão Nostalgia!”. É um cantinho tão jeitoso para um chá das cinco, para um bate-papo noturno, um banho de sol pela manhã, ideal até para se fazer nada ou simplesmente “ouvir estrelas”. E, antes que eu fechasse a porta, o vaso de Antúrio, florido, era um convite para esse visitar. Suas flores lindas e lustrosas pareciam cobrar a minha pressa que, por desatenção, nem dava pela presença delas.

Mas tudo é perdoável no tribunal da sobrevivência e até mesmo o mal que causamos a nós mesmos tem sua pena abrandada quando se trata de sair em campo e vencer a luta. Com toda essa loucura cotidiana, **será que aproveitamos a vida ou a vida está se aproveitando de nós?** Será que corremos em busca do tesouro e nos distanciamos dele justamente por causa dessa correria?

Se fizermos essas indagações ao psicanalista de plantão certamente ele nos dirá que sim - que a correria não nos leva a parte alguma. Entretanto, queira ou não queira, estamos, a todo instante, prontos para uma largada e, na competição da vida, somos atletas sem pódio e sem manchetes na mídia. Levantamos peso nos ombros, pedalamos sonhos, arremessamos ideais, remamos contra a maré, marcamos gols, muitas vezes, contra, nadamos de peito aberto no mar da insegurança, jogamos pingue-pongue com a sorte, ficamos na sinuca e somos os recordistas na condução da “fossa olímpica”.

Mas será que estamos aptos para esse atletismo desenfreado que nem sempre conta com o patrocínio da sorte? Corremos tanto sem a sabedoria de que nessa corrida louca da

existência basta apenas uma fórmula: a fórmula I da moderação, que nos coloca em vantagem contra o nosso maior adversário: o tempo.

Saber administrar a correria para ganhar tempo, aproveitando as delícias da maratona da vida é a grande tacada que nos resta. Entrar em campo e vencer o jogo no primeiro tempo pode aguçar a nossa ânsia de vitória. Entretanto, será mais merecedora essa conquista se houver necessidade de um intervalo, de uma pausa para uma “mexidinha” no time e no segundo tempo, vencer o jogo sem faltas e sem pênaltis na “grande área” de nossa atuação.

Com todas essas ponderações vamos dar, então, nossa primeira largada: largar tudo, largar relógio, largar compromissos, puxar as rédeas da pressa, vamos desacelerar, dando uma grande rasteira na rotina. Driblar a rotina! Essa, sim, deve ser a grande virada no jogo da vida!

Aproveitar a vida...

Sebastião A.B. de Carvalho

Ilusões das ilusões é pensar que podemos tirar da vida um máximo que é na verdade insuportável!

Há limites fatais, tanto físicos quanto mentais e até situacionais, que estabelecem fronteiras para o que podemos dispor e utilizar à vontade.

Comer, beber, desfrutar do sexo, viajar -- tudo isso não depende apenas de valores financeiros, mas de outras capacidades, que nem sempre correspondem ao que almejamos.

A relatividade do que se pode obter na vida torna-se manifesta quando enfrentamos as limitações... E assim o indivíduo é levado a refletir e mesmo a meditar sobre a vida, o tempo, o que entendemos por felicidade...

A conclusão definitiva é que a felicidade não está na fruição de prazeres materiais, pois na verdade não somos capazes de “abarcá-lo mundo com as pernas!”. Há que se respeitar os limites!

A meditação pode conduzir à conclusão de que são os valores espirituais que permanecem para sempre, preenchendo inteiramente todas as nossas necessidades e esperanças...



CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA - 3

Vem da edição anterior...

Bom seria perguntarmos se a cripteia espartana, um grupo violento e de extermínio contra quem adquirisse conhecimento foi um tipo de violência superada ou se ainda existe?

Esta questão remonta à antiga Esparta, lá pelo século VI antes de Cristo. A sociedade espartana era dividida em três grupos sociais: os *esparciatas*, aqueles com todos os direitos civis e que dirigiam os destinos da cidade-estado, eram os únicos que podiam deter conhecimento; os *periecos* formavam o grupo de artesãos e comerciantes, representando um grupo dez vezes maior de pessoas e que não podiam deter conhecimento; os *hilotas* ou escravos trabalhavam nas terras de seus donos e, nem de longe podiam conhecer alguma coisa fora de seu ambiente de trabalho; correspondiam a um número vinte vezes maior que os *esparciatas*.

Não sendo suficiente esta divisão, os exércitos de Esparta criaram uma milícia paralela, chama cripteia, encarregada de emboscar os *periecos* e *hilotas* que, por ventura, passassem a deter algum conhecimento. Eram duas classes onde, o conhecer, era proibido e castigado até com a perda da vida.

Existiria, ainda, a cripteia em nossa sociedade brasileira? Creio que sim. Ela existe de modo disfarçado, suas emboscadas são sofisticadas e as armas para matar o conhecimento, sobretudo das classes menos favorecidas são revestidas de estratégias peculiares.

O que é o ato covarde de se encaminhar para o ano escolar seguinte um estudante que não dominou os conhecimentos do ano anterior? É a sua condenação para não aprender os conteúdos da próxima etapa. A escola que não repõe conhecimento pratica a cripteia, ou seja, mata intelectualmente, seus alunos.

Os pais que criam filhos de qualquer maneira e sem responsabilidade entregam-nos à cilada do desemprego futuro e às possibilidades de se libertarem das escravidões em que vivem.

Se um docente sabe e não ensina; ensina e não pratica e ignora e não pergunta é um miliciano desta cripteia modernizada através destes três pecados capitais da pedagogia, segundo o monge Beda.

Gestores que não cuidam das condições de trabalho do magistério, descuram de uma remuneração justa e não avaliam os trabalhos docentes, alimentam o mesmo mecanismo perverso que, aos poucos, dilacera a estrutura intelectual de várias gerações.

O que dizer quando um poder legislativo envia um analfabeto funcional para a comissão de educação? Não seria a afirmativa acerca do descaso com a seriedade que a educação requer?

Quem não se atualiza, nem ministra uma aula compreensiva para seus alunos acaba sonhando informações preciosas e necessárias para o conhecimento. O ensandecimento na luta contra as cotas raciais e as várias bolsas de estudo concedidas aqui e no exterior para estudantes brasileiros melhorarem o próprio desempenho é outro modo de impedi-los de chegar onde a pátria necessita e requer. Por fim, a aprovação automática e a reprovação, também automática, configuram cripteias de tocaia espreitando nas encruzilhadas e definindo a quem perseguir com arma mortal.

Esparta não escondia a falta de liberdade e matava os que eram impedidos de conhecer para não prejudicar a estrutura da cidade.

Nós somos de crueldade especial: somos ditadores sofisticados que conseguimos fazer com que nossos súditos cantem o hino da liberdade!

Quando se misturam religiões e interesses de estados surgem violências. Cruzadas contra os mouros, a retomada de Jerusalém, numa tentativa de implantar um reino feudal no oriente, vários tipos de violência diante da imposição da fé. As inquisições de várias tendências e a violência para manter a segurança dos reinos, estribados em três conceitos: um rei, uma língua, uma religião foram transformando o mundo num palco de lutas e constrangimentos.

Nem a nossa língua pátria escapa a estas situações. Quando o Marquês de Pombal impôs o português, como língua oficial da colônia do Brasil, quem ousasse ensinar outra língua ou mesmo fazer prevalecer o tupi, poderia sofrer prisão ou até a morte.

Continua na próxima edição...



Este jornal convidou o literato e professor ROBÉRIO CANTO para colaborar com este novel órgão de divulgação das letras e das artes de Nova Friburgo. O ilustre acadêmico aceitou prontamente, autorizando-nos ao uso de escritos existentes em seu blog e livros. Continuamos publicando seus escritos...

Um pássaro perdido

Foi a solidão que enxotou do beiral da vida, em busca da morte, essa andorinha desamparada

Com a emoção profissional que o caracteriza, o locutor noticia que um jovem — economista, me parece — se atirou do 9º andar de um edifício, tentando suicidar-se. Como na cidade grande são mais ou menos corriqueiras essa e outras variações da arte de sair deste mundo pela porta da autodestruição, o fato não viraria notícia se não fosse porque, condenado a viver, o Ícaro urbano foi cair sobre um veículo que passava pelo local e acabou não morrendo. Duplamente fracassado, ao tentar viver e ao tentar morrer, o infeliz alcança a notoriedade que lhe seria difícil se simplesmente tivesse conseguido o que viera procurar na megalópole: trabalho. Vem um rapaz de longe e salta na rodoviária, trazendo na mala, escondidos, algum medo e muita esperança. Um diploma, um nome, um homem. Um a mais, formiga estrangeira no formigueiro febril. O recém-chegado olha e não encontra um sorriso amigo, um olhar solidário, um rosto conhecido. Todos ao redor têm pressa. Homens passam concentrados, preocupados, disparados em busca de dinheiro, de sucesso, de futuro. Estão construindo uma cidade, um país, um mundo e não podem parar e perguntar o nome do moço que chegou agora e traz pouco dinheiro, algum medo e muita esperança. Entra em escritórios, em lojas, em grandes, pequenas e médias empresas que, infelizmente, não estão precisando de um economista novato. Por que estudou tanto esse moço que agora toma café sozinho nos bares? Para que viajou tanto se está sozinho no banco da praça, fumando seu cigarro? Que ilusão o trouxe e o deixou sozinho na sala escura do cinema, assistindo a um filme banal? O dinheiro vai secando em seu bolso, como água respingada em solo ressecado. Quer visitar um parente, não tem parente; quer conversar com um amigo, não tem amigo; quer abraçar a amada, mas a amada se desfez em meio à multidão. É possível que ele pense em parar qualquer pessoa na rua, apenas para dizer que veio de longe, está sem dinheiro, ninguém o chama pelo nome, não lhe acenam na rua, não lhe dizem boa noite. O que aconteceria se ele nos parasse? Eu o chamaria de tolo, você o acusaria de louco, o mendigo veria nele um possível concorrente, a polícia o julgaria — com alguma razão — um desocupado, as senhoras pensariam tratar-se de um atrevido e começariam a gritar, as crianças se lembrariam dos conselhos das mães para que evitassem os desconhecidos, os jovens concluiriam estar diante de mais um traficante e ninguém acreditaria neste absurdo: é simplesmente um rapaz solitário, procurando um afeto na fascinante capital. O estrangeiro está indefeso nas garras do monstro. E desce

sobre ele a mais corrosiva das doenças: a imensa, a total solidão. Ser um desconhecido, um anônimo; mais do que um anônimo: um zero à esquerda da multidão. Participar dessa festa, rodopiar ao som dessa música, estar no palco onde se dança esse balé, sem encontrar quem lhe dê a mão e com ele faça par. Sem poder voltar fracassado, sem poder ficar vencedor, sobe ao alto de um edifício e vê os carros que passam, as miúdas pessoas lá embaixo, toda uma raça sem rosto. Corações talvez generosos, ocultos em peitos trancados. E então se lança de encontro àquele povo que o recusou, de encontro à morte que, irônica, também o recusa. A muitos terá impressionado a coragem ou a loucura desse homem que, sendo economista, esbanja e joga fora sua própria vida. A outros, parecerá extraordinária na história a intervenção do acaso, que pôs um obstáculo entre o corpo suicida e o chão a que ele se destinava. Mas, o mais importante de tudo é, por certo, o isolamento que um ser humano sofreu durante todo o tempo em que tentou sobreviver numa terra estranha. Acima de outra força qualquer, foi a solidão que enxotou do beiral da vida, em busca da morte, essa andorinha desamparada e o seu sonho de fazer verão longe de casa. Ave, *andorinha solidária*, cujo voo é para nós dura lição! Ave, *andorinha solitária*, que fura nossa consciência com seu bico frágil! Ave, irmão desconhecido! Pássaro perdido, Ave!

Solidão, solidão!...

Sebastião A.B.de Carvalho

Há situações em que o indivíduo se acha em condições tão adversas, que não visualiza uma solução para sua sobrevivência. É assim que o suicídio se apresenta como a única saída. A solidão, de que trata o articulista, Prof. Robério Canto, comporta um drama pessoal que constrange a pessoa de modo absoluto, podendo levá-la ao ato final e supremo de atentar contra a própria vida.

O homem é um ser gregário. Para viver, depende de relacionamentos com a família, os amigos, a sociedade de um modo geral. Crenças e opiniões formam-se na interação com outros agentes sociais, seus semelhantes.

As condições de vida e de sobrevivência são fundamentais para cada um de nós! Quando essas condições se tornam insuportáveis, somos tentados ao ato extremo do suicídio, da fuga, do auto-aniquilamento. Infelizmente.



Artista brasileira resgata a arte impressionista de Van Gogh
 Rosa Maria coloca sua inspiração a serviço do resgate da beleza, exaltada pelos artistas impressionistas europeus

FAREMOS, aqui, a divulgação da obra de ROSA MARIA WERNECK ROSSI DE CARVALHO, reproduzindo telas por ela pintadas. Apresentamos algumas de suas produções, nas quais ela nos oferece um belo visual multicolorido, exprimindo seu amor pela natureza, numa interpretação plena de sensibilidade e técnica.

GALERIA RM CARVALHO - 12



Paint 5 = O Caminho



Paint 7 = Cipreste na montanha



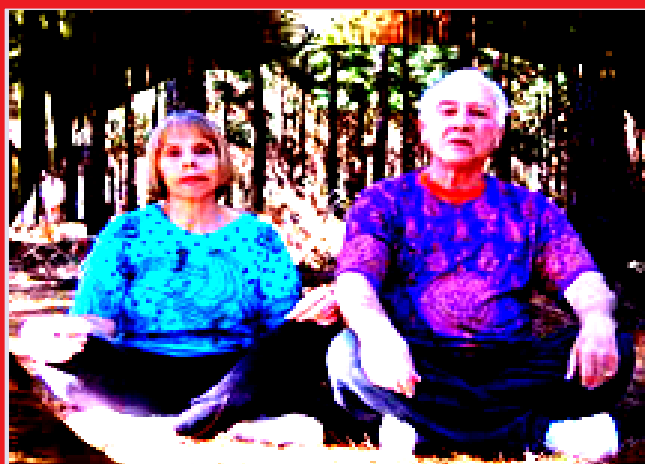
Paint 17 = Amor perfeito



Paint 21 = Ypês róseos

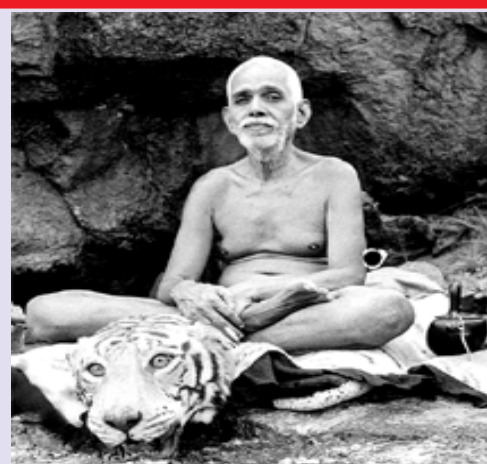


ROSA MARIA nunca frequentou curso de desenho e pintura, nem foi precocemente introduzida nas artes plásticas. Simplesmente, um dia, ela resolveu tentar pintar aquilo que estava vendo com sua visão interna! A influência do Mestre Vincent van Gogh faz-se sentir, e ela então se entrega ao trabalho com grande entusiasmo e devoção. No ritmo que a vida normal permite, Rosa Maria faz o seu trabalho!...



Indrananda & Mahabhutani

Jóias da Filosofia Vedanta
Obras que trazem o substrato espiritual -- nossa herança mais cara -- para o alcance dos estudiosos que trabalham, agora, pela transcendência, edificando um Mundo Melhor.



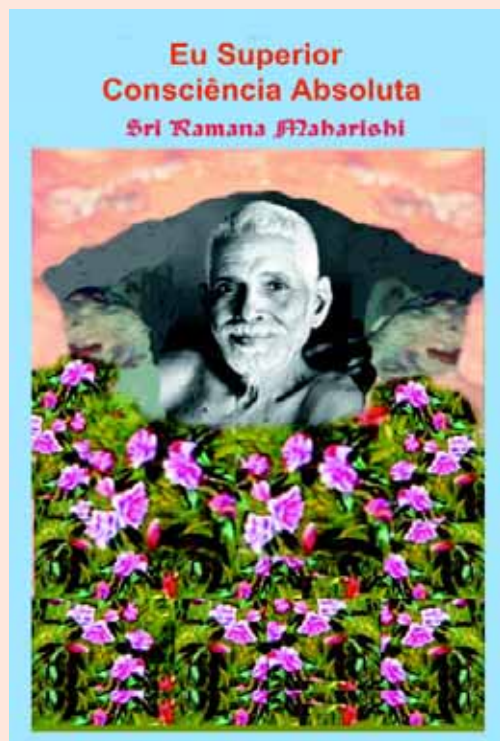
Sri Ramana Maharshi

2- Eu Superior, Consciência Absoluta

Sri Ramana Maharshi

Escrita por:
Mahabhutani e Indrananda

APRESENTAÇÃO - Tendo dado à Humanidade a sua Nova Doutrina, escrita por dois discípulos, Sri Ramana Maharishi brinda-nos, agora, com este livro que se destina a focalizar questões de grande interesse para os que almejam trilhar o reto Caminhoda Transcendência.



São conhecimentos apresentados na forma de perguntas e respostas, -- tudo baseado no que contém a Nova Doutrina, síntese preciosa de ensinamentos hinduístas e budistas.

O discípulo pergunta, e os Mestres respondem, explicitando conceitos que se relacionam, para facilitar o entendimento pleno de seus conteúdos, que se encadeiam, contribuindo para ajudar o peregrino em seus esforços de autossuperação.

Movido por um acendrado amor à Humanidade, Sri Ramana Maharshi instituiu a Nova Doutrina, -- com a marca indelével de sua altíssima espiritualidade, e, sendo o inspirador de seus discípulos, Mahabhutani e Indrananda, divulga mais esta contribuição, esforçando-se para colocá-la ao alcance de todos os seres humanos.

Que esta obra atinja plenamente seus caríssimos objetivos, é o que rogamos ao Mais Alto.

Capítulo 1

A deplorável situação do homem inconsciente

O homem desviou-se do reto Caminho quando resolveu buscar fora de si, e não em seu interior, o conhecimento para a solução dos problemas e para acelerar a sua evolução no planeta.

Usando sua admirável capacidade criativa, ele engendrou inúmeras formas de atuação sobre a natureza, movimentando o que conhecemos como tecnologia, que alcançou níveis altíssimos de complexidade, e continua evoluindo vertiginosamente.

Hoje, ele é escravo de suas criações, que lhe são exteriores, e

sobre ele exercem formidável poder coercitivo.

O grande sistema que abarca economia, política, e todas as ciências físicas e sociais, de base eminentemente materialista, mantém-no apartado de si mesmo, de sua Essência, de sua destinação.

Perdido nesse emaranhado organizado, que se estende como tentáculos sobre todo o planeta, o pobre homem debate-se angustiado, buscando libertar-se de algo que desconhece -- pois não consegue ver com clareza as armadilhas em que se enreda cada vez mais -- desde quando abandonou a pesquisa interior para tentar resolver-se trabalhando exclusivamente o externo, o que está fora de si, encravado no mundo fenomenal.

Pobre homem!

DISC.= Por que razão o homem resolveu voltar-se para o externo?

M&I= O externo exerce forte influência porque se apresenta facilmente, apreendido pelos sentidos de modo categórico, imperioso, -- enquanto o interno demanda um esforço de liberação dos sentidos materiais para ser apreendido. É a lei do menor esforço.

DISC.= Que tipo de inconsciência é referida, neste capítulo?

M&I= A inconsciência da essência, da própria Realidade que está obscurecida pelos invólucros materiais. Apegado ao físico, o homem não reconhece como real tudo que escapa ao mundo tridimensional.

DISC. = Por que o homem se tornou escravo de suas criações?

M&I= Ele não consegue viver sem as coisas que criou para tornar sua vida mais agradável e fácil. Criou sistemas complexos, como o econômico, cujas partes interagem intimamente, de modo que uma alteração aqui, vai certamente afetar acolá. Um exemplo: Se fosse introduzida uma nova fonte de energia para substituir o petróleo, a crise daí oriunda abalaria todo o sistema, com desemprego em massa, queda da bolsa de valores, e outras conseqüências indesejáveis. Os interesses das empresas envolvidas na produção e comercialização são defendidos ferreamente pelos que comandam a economia e os governos.

DISC. = Como ocorre esse processo pelo qual o homem se unifica com a Divindade, se ele está inconsciente de sua real situação no universo?

M&I= Não é porque vive na ignorância que o homem está condenado a permanecer em tão deplorável situação. Os procedimentos contidos na Verdadeira Doutrina capacitam-no para vencer a terrível barreira que o separa de seu Eu Superior. Castigado pelo sofrimento, abatido pelas inúmeras derrotas, ele, um dia, percebe, num lampejo, que existe algo mais -- e lança-se à procura desse bálsamo, que vai conduzi-lo, finalmente, ao reto Caminho da Iluminação, que culmina na absorção no SER.

Obras que serão apresentadas nesta página:

EU SUPERIOR, CONSCIÊNCIA ABSOLUTA - ONIPRESENÇA DIVINA - A SUPREMA ESSÊNCIA - OS INVÓLUCROS DO SER - AOS PÉS DO GURU.